»Entrevista | **PARUYR HOVHANNISYAN**, VICE-CHANCELER DA ARMÊNIA

"Estamos determinados a alcançar a paz"

Após visitar Brasília, o vice-ministro armênio das Relações Exteriores elogia a cooperação bilateral com o Brasil, denuncia operação militar do Azerbaijão, cita esforços em prol da estabilidade regional e fala sobre a relação com a Turquia

» RODRIGO CRAVEIRO

Em 19 de fevereiro passado, Paruyr Hovhannisyan — vice-ministro das Relações Exteriores da República da Armênia — esteve em Brasília, onde se reuniu com a embaixadora Maria Laura da Rocha, secretária-geral do Itamaraty. Após retornar a Yerevan, ele concedeu uma entrevista ao ***Correio****. O número dois da chancelaria armênia elogiou as relações diplomáticas, culturais e comerciais com o Brasil e destacou que ambos os países partilham valores e princípios fundamentais, além de possuírem sociedades civis "vibrantes". Hovhannisyan também falou sobre as consequências da operação militar lançada pelo vizinho Azerbaijão contra o enclave de Nagorno-Karabakh, forçando a expulsão de 100 mil armênios para outras cidades e denunciou a destruição de patrimônio histórico e cultural na região por parte dos soldados azerbaijanos (ou azeris). O vice-chanceler assegurou a disposição de seu país de firmar uma paz permanente com o Azerbaijão, com base no direito internacional e nas normas jurídicas. Ele revelou que a Armênia e a Turquia estão engajados em um processo de negociação para normalizar as relações, sem condições prévias. Entre 1915 e 1923, o Império Otomano matou mais de 1,5 milhão de armênios.*

Como o senhor avalia as relações bilaterais entre Armênia e Brasil?

As relações diplomáticas entre Armênia e Brasil foram estabelecidas há mais de 30 anos, apesar de os laços entre nossos dois povos terem sido firmados muito antes. Os armênios começaram a se estabelecer no Brasil na segunda metade do século 19. Hoje, a comunidade armênia do Brasil é uma das mais bem-sucedidas e prósperas da diáspora armênia. Durante minha visita, testemunhei, com orgulho, o alto nível de integração da etnia armênia na sociedade brasileira, sua contribuição significativa em vários campos. Seria seguro dizer que a recentemente falecida grande atriz Aracy Balabanian, que era igualmente admirada tanto na Armênia quanto no Brasil, simboliza a presença armênia no Brasil. É particularmente gratificante que os armênios tenham um envolvimento substancial no serviço diplomático brasileiro. Existem vários embaixadores brasileiros de origem armênia. Olhando para o futuro, espero que a comunidade armênia no Brasil continue a promover o desenvolvimento das nossas relações bilaterais, servindo como uma ponte sólida que liga a Armênia e o Brasil. Como nações democráticas, Armênia e Brasil partilham valores e princípios fundamentais e têm sociedades civis vibrantes. Tive o privilégio de conduzir consultas políticas entre nossos ministérios das Relações Exteriores, em Brasília, em fevereiro. Esse é um mecanismo visto por nós como altamente eficaz e valioso para a nossa agenda bilateral. Ao longo dos últimos 32 anos, tivemos muitas visitas recíprocas. Vários acordos foram assinados, e mais estão em andamento.

E em relação ao comércio?

Embora o nosso volume de negócios anual seja modesto, observamos uma dinâmica positiva e procuramos ativamente oportunidades de negócios em ambos os países. O Brasil se mantém como uma das maiores economias do mundo, enquanto a Armênia demonstrou um crescimento econômico notável após a Revolução de Veludo de 2018 — o PIB aumentou 12,6% em 2022. Existe grande potencial e mútuo interesse em expandir o comércio bilateral.

Qual é a situação atual em Nagorno-Karabakh?

Em 19 de setembro de 2023, depois de mais de 100 mil armênios nativos de Nagorno-Karabakh serem submetidos a nove meses de um bloqueio desumano, o Azerbaijão lançou uma operação militar. Como resultado, a população indefesa da região foi forçada a fugir. Os armênios deixaram para trás suas casas, igrejas, mosteiros, cemitérios e todos os locais culturais, religiosos e históricos. A existência física dos armênios que abandonaram Nagorno-Karabakh esteve sob grave ameaça. Não há dúvida de que os armênios têm todo o direito de retornar à sua pátria ancestral. No entanto, isso pode ocorrer somente se existirem medidas de segurança internacionalmente garantidas.

Arquivo pessoal

A existência física dos armênios que abandonaram Nagorno-Karabakh esteve sob grave ameaça. Não há dúvida de que os armênios têm todo o direito de retornar à sua pátria ancestral"

Que tipo de danos o patrimônio histórico armênio sofreu durante a operação militar do Azerbaijão?

O tema da proteção do milenar patrimônio cultural armênio em Nagorno-Karabakh tornou-se ainda mais premente depois de setembro de 2023, quando sua população inteira foi submetida ao deslocamento forçado. Depois da guerra de 2020, temos testemunhado numerosos casos de destruição física e de políticas lideradas pelo Estado de distorção da identidade do patrimônio armênio, por meio da eliminação das inscrições armênias dos monumentos culturais. Altos funcionários do governo do Azerbaijão declararam abertamente a criação de um chamado "grupo de trabalho" para alterar e apropriar-se ilegalmente do patrimônio religioso e cultural armênio. A Armênia tem alertado, consistentemente, a comunidade internacional sobre a política de destruição encampada pelo Azerbaijão, a profanação e a apropriação do vasto patrimônio religioso e cultural, dentro e ao redor de Nagorno-Karabakh, para eliminar totalmente qualquer vestígio da presença civilizacional da população nativa armênia.

O processo de paz com o Azerbaijão deverá ser retomado logo?

Apesar dos riscos e ameaças que a Armênia tem enfrentado, estamos determinados a alcançar a paz e a estabilidade, baseados no direito internacional e nas normas jurídicas. Para isso, a Armênia tem realizado grandes esforços e se envolvido, de forma construtiva, nas negociações com o Azerbaijão. Em outubro de 2023, havia uma chance real de fazermos um avanço no processo de paz. O presidente do Azerbaijão (Ilham Aliyev) recusou-se a participar da reunião com a Comunidade Política Europeia, em Granada, e a aderir à declaração assinada pelo primeiro-ministro da Armênia (Nikol Pashinyan), o presidente da França (Emmanuel Macron), o chanceler alemão (Olaf Scholz) e o presidente do Conselho Europeu (Charles Michel), que descreve os princípios da paz. A retórica do lado azerbaijano tornou-se mais beligerante. Em entrevista recente, o presidente do Azerbaijão questionou os princípios e os termos acordados sobre a delimitação das fronteiras com a Armênia e as reivindicações territoriais articuladas, referindo-se ao nosso país como "Azerbaijão Ocidental", o que é um absurdo histórico. No contexto do desbloqueio das infraestruturas regionais, o governo armênio introduziu o projeto Encruzilhada da Paz. Baseia-se nos princípios de soberania, jurisdição, igualdade e reciprocidade. Se usado, poderá ser parte crucial do processo de paz.

O que é necessário para que Armênia e Turquia normalizem as relações?

A Armênia e a Turquia estão envolvidas em um processo de negociação destinado a normalizar as relações sem condições prévias. Ambos os países nomearam representantes especiais para trabalharem na normalização das relações. Também houve conversas e encontros a nível ministerial, bem como trocas ocasionais entre o primeiro-ministro Pashinyan e o presidente Recep Tayyip Erdogan. Além disso, depois das eleições presidenciais da Turquia, em maio, Pashinyan visitou Ancara e participou da posse do presidente reeleito da Turquia. Alcançamos um acordo sobre a abertura da fronteira terrestre entre Armênia e Turquia para cidadãos de outros países e titulares de passaportes diplomáticos. A Armênia concluiu as obras de construção e modernização do posto fronteiriço Margara-Alijan. Estamos preparados para abrir a fronteira e antecipamos a vontade mútua do lado turco para implementar este acordo.

Leia a íntegra da entrevista em http://www.correiobraziliense.com.br

PROTESTO

Argentinos relembram 48 anos do golpe

Sob o lema "Hoje, mais do que nunca, nunca mais", dezenas de milhares de argentinos saíram em passeata por Buenos Aires ontem, em lembrança do aniversário do golpe militar que deixou milhares de mortos e desaparecidos, há 48 anos, por todo país, e em repúdio ao governo de Javier Milei, que contesta o tratamento histórico dado à ditadura.

Essa é a primeira manifestação do Dia da Memória, como ficou conhecida a manifestação anual, desde a posse do presidente de extrema direita, cujo discurso é considerado por líderes de organizações de direitos humanos como negacionista acerca dos assassinatos e das perseguições ocorridos durante o regime militar na Argentina, que durou de 1976 a 1983.

Cartazes com frases como "Memória sim, medo não" e "Está tudo guardado na memória" eram carregados pelas ruas da capital, epicentro da convocação liderada pelo coletivo Mães e Avós da Praça de Maio, que se dedica há décadas a recuperar os filhos e netos de desaparecidos políticos da ditadura.

"Os principais civis do terrorismo de Estado continuam, em sua maioria, impunes: são o poder econômico e empresarial do genocídio. Exigimos julgamento e castigo já", disse Estela de Carlotto, presidente do movimento.

Em mobilização inédita, as principais centrais sindicais do país também se uniram à convocação, em um contexto de severa crise econômica, com 276% de inflação anual e mais da metade dos 46 milhões de argentinos vivendo abaixo da linha da pobreza.

A passeata é a maior em anos e, segundo Adolfo Pérez Esquivel, ganhador do Nobel da Paz de 1980, "é o grito de rebeldia de um povo frente a um governo fascista que quer destruir a pátria".

Revisionismo histórico

Ao meio-dia, hora da convocação, o governo divulgou um documentário de 13 minutos intitulado *Dia da Memória pela Verdade e Justiça Completa*, que começa com a entrevista de uma vítima de um movimento guerrilheiro de esquerda nos anos 1970.

O escritor Juan Bautista Yofre, narrador do curta, afirma que a história como é lembrada foi desenhada para responder a interesses econômicos de organizações de defesa dos direitos humanos e dos governos democráticos que sucederam o regime.

Tanto Milei quanto Victoria Villarruel, sua vice-presidente, que é próxima dos militares, questionam o número de desaparecidos, consensualmente aceito por organizações de direitos humanos, de 30 mil vítimas, e afirmam que a cifra real é próxima a 9 mil pessoas.

O ex-guerrilheiro Luis Labraña, sequestrado pelo governo militar, relata no vídeo governista que o número de desaparecidos da ditadura foi uma mentira para levantar dinheiro.

Taty Almeida, líder das Mães da Praça de Maio, contestou o filme durante o protesto: "Estamos diante de um governo negacionista, Victoria Villarroel diz que aqui não houve genocídio, e sim uma guerra."

Durante sua campanha presidencial, Milei havia discursado que houve uma guerra nos anos 1970, na qual foram cometidos "excessos". Para muitos ativistas, seu argumento relativiza a existência de um plano sistemático de eliminação de opositores por parte do Estado, comprovado por centenas de julgamentos nas cortes argentinas.

AFP

Na Praça de Maio, cartazes combatem negacionismo de Milei

Ao longo das décadas, 1.173 pessoas foram condenadas por crimes de lesa-humanidade em 316 sentenças proferidas em todo o país.

Na Praça de Maio, a multidão exibia cartazes com frases como "30.000 razões para defender a pátria" e "30.000, de verdade".